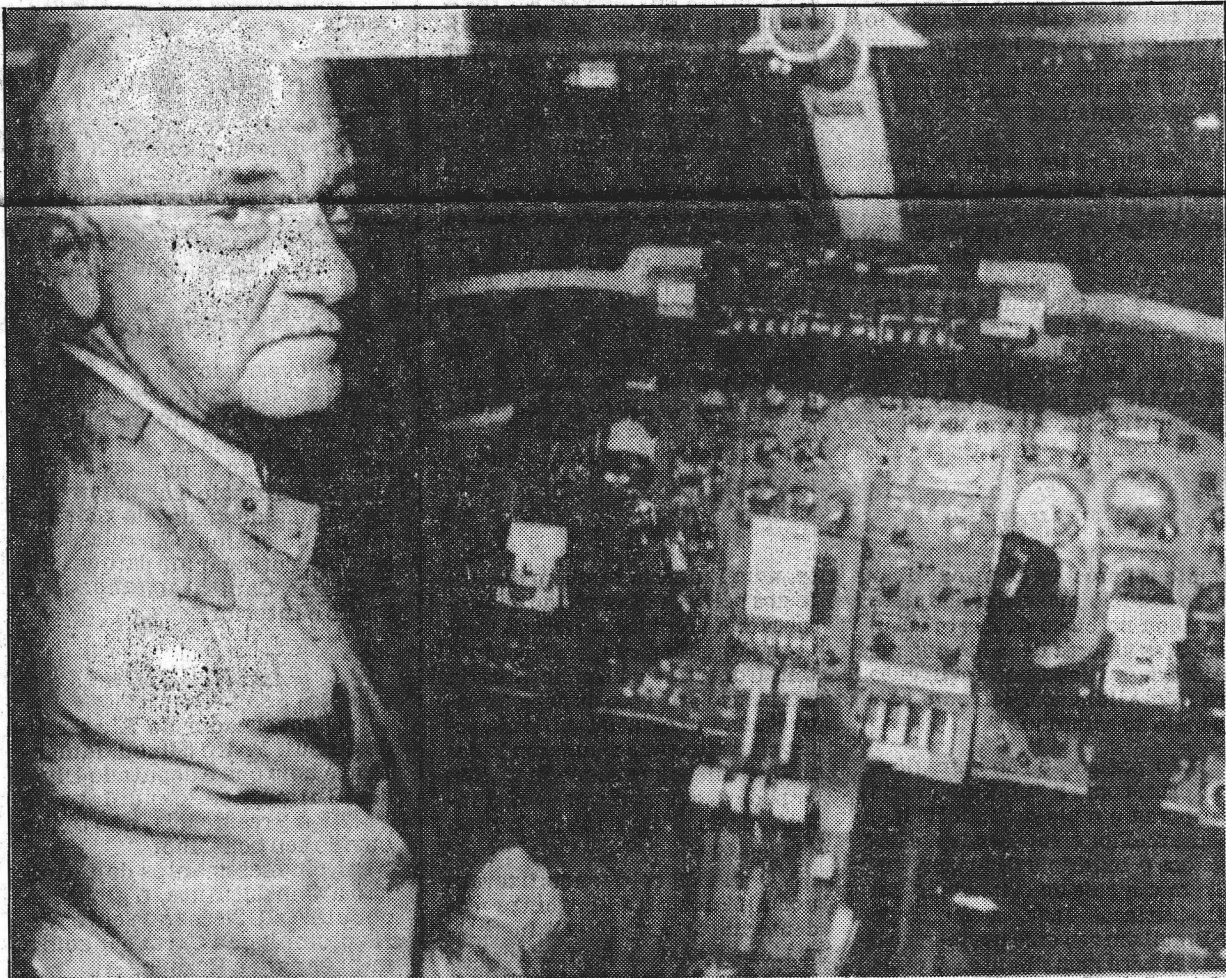




Ricardo Chaves/AE

Lott na cabine de comando do jatinho: 40 anos de experiência à disposição de Covas

Filho de Lott pilota tucanos

MARY ZAIDAN

BRASÍLIA — Quinta-feira, 9 horas da noite. O candidato do PSDB à Presidência da República, senador Mário Covas, embarca no jatinho Lear-jet 35 da empresa Antares, de propriedade do deputado Ronaldo César Coelho (PSDB-RJ), em mais uma viagem de campanha. Na cabine, pronto para a decolagem, está o experiente piloto Lauro Henrique Amaral Lott, mais conhecido como comandante Lott, filho caçula do principal adversário de Jânio Quadros na última eleição direta para presidente, em 1960, marechal Henrique Teixeira Lott.

Aos 62 anos, 40 deles dedicados à aviação e 25 à Força Aérea Brasileira (FAB), o piloto tem verdadeira veneração pelo pai. Orgulha-se da semelhança física com ele e, mesmo se dizendo apolítico, não poupa — a exemplo do marechal — críticas a Jânio. “Meu pai dizia que Jânio não ia durar uma gestação”, lembra. “E não durou mesmo”, completa. Ele conta que o pai também não gostava de política e que só disputou a Presidência para combater o janismo.

Lauro Henrique não viu a derrota do pai. No ano da eleição, estava servindo à FAB na Comissão Aeronáutica Brasileira, em Washington (EUA). Ele lembra que na época o ex-presidente Jânio Quadros te-

ve acesso à lista dos oficiais que estavam fora do País. Perguntou ao ministro da Aeronáutica, Gabriel Moss, se o tal Lauro Henrique Lott era parente do marechal. O ministro, que fora comandante de Lauro Henrique em Santa Cruz, e o conhecia muito bem, desconversou, mas foi atropelado pelo ajudante de ordens, capitão Onório Vargas, que o denunciou. Irritado, Jânio rasgou a lista: “Este fica”.

Quando Lauro Henrique voltou ao Brasil, no final de 1961, a renúncia de Jânio já estava consumada. O filho do ma-

rechal Lott foi então servir ao governo João Goulart no Grupo de Transporte Especial. “O jango era um sujeito excelente, pena que não estava preparado para governar”, lamenta. Após o movimento militar de 64, Lauro Henrique foi para a Inspetoria Geral da Aeronáutica, no Rio de Janeiro, onde novamente sofreria discriminações. “Ali era uma espécie de cabide de luxo.”

Depois de 25 anos na FAB, decidiu optar pela aviação civil. “Não dava para agüentar mais o salário de militar.” Passou pela Líder Táxi Aéreo e por vôos executivos até ser contratado por César Coelho, da Antares. Tem no currículo mais de 20 mil horas de vôo e pretende continuar pilotando “enquanto passar nos exames médicos”. Há mais de dois meses, pilota o jatinho dos tucanos.

Se o filho do marechal Lott não gosta de política, isso não quer dizer que o ex-janista Mário Covas não conseguirá seu voto. Embora mantenha seu voto em segredo, Lauro Henrique não poupa elogios ao candidato do PSDB e ao senador Fernando Henrique Cardoso. E, citando o ditado “diga com quem anda que te direi quem és”, ele deixa escapar críticas ao candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. “No Rio, o Collor anda com o Medina (deputado Ruben Medina), só aí, dá pra ver como ele é.”

Diário da campanha



A caridade
O candidato Mário Covas, que só virou tucano depois de abandonar o barco do PMDB comandado por Ulysses Guimarães, reclamou ontem dos infieis que se recusam a ajudar a campanha de antigos correligionários. “Não é justo o que estão fazendo com o Ulysses”, disse ele, durante entrevista coletiva no Recife. “Deixei o PMDB, mas não deixei de ser um admirador de Ulysses. E quem, neste país, não for um admirador da vida política deste homem comete um erro histórico e uma injustiça.”